



## COMBUSTÍVEIS

# Bolsonaro soube antes de reajuste e quis interferir

Presidente diz ter sido informado com antecedência do aumento de preços e tentou adiá-lo. Ele não descarta demissão de general

» INGRID SOARES  
» CRISTIANE NOBERTO  
» MICHELLE PORTELA

O presidente Jair Bolsonaro (PL) admitiu que foi avisado com antecedência sobre os reajustes nos preços dos combustíveis e que tentou interferir para adiá-los. O chefe do Executivo voltou aos ataques à Petrobras, acusando a estatal de “crime” contra a população, e ameaçou de demissão o presidente da empresa, o general Joaquim Silva e Luna.

Bolsonaro relatou ter enviado um pedido informal a Silva e Luna para que o aumento fosse atrasado em um dia, tempo suficiente para aprovar os projetos do governo sobre o tema no Congresso. E completou que “se pudesse interferir, as decisões seriam outras”.

“Chegou para nós que eles iam ajustar na quinta-feira da semana passada. Foi feito pedido para que deixasse para o dia seguinte, atrasasse um dia. Não nos atenderam”, reclamou Bolsonaro, em entrevista à TV Ponta Negra, afiliada do SBT no Rio Grande do Norte. “Por um dia, a Petrobras cometeu esse crime contra a população, desse aumento absurdo no preço dos combustíveis. Isso não é interferir na Petrobras na ação governamental. É apenas bom senso, poderiam esperar.”

A intenção de Bolsonaro era de que a elevação só ocorresse após a aprovação, pelo Congresso, do Projeto de Lei Complementar 11/2020, que altera a cobrança do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) incidentes nos combustíveis. Assim, o impacto seria menor no bolso dos brasileiros. O texto recebeu o aval de Senado e Câmara na quinta-feira, horas depois de a estatal anunciar aumento de 18,7% na gasolina;

### Petróleo fecha em baixa novamente

O petróleo tem se acomodado, desde terça-feira, abaixo de US\$ 100 por barril. Ontem, na New York Mercantile Exchange (Nymex), o barril do petróleo WTI, com entrega prevista para abril, recuou 1,45% (US\$ 1,40), a US\$ 95,04, enquanto o do Brent, para maio, baixou 1,89% (US\$ 1,89) na Intercontinental Exchange (ICE), a US\$ 98,02.

24,9%, no diesel; e 16%, no gás de cozinha nas refinarias. O presidente sancionou o projeto no dia seguinte.

O chefe do Executivo enfatizou que, por ele, a estatal “poderia ser privatizada hoje” para “ficar livre do problema”. Também cobrou da empresa a redução dos preços, já que vem caindo a cotação do petróleo no mercado internacional. “Quando eles deram o aumento, o preço do petróleo, lá fora, estava em US\$ 130. Hoje, está em US\$ 100. Agora, eu pergunto à Petrobras — porque eu não tenho ascendência sobre ela, eu não mando na Petrobras: vão reduzir o aumento absurdo concedido na semana passada ou está muito bom para todos vocês da Petrobras?”, disparou.

De acordo com Bolsonaro, “a Petrobras se transformou em Petrobras Futebol Clube, clubinho que só pensa neles, jamais no Brasil”. “Até mesmo repasse para o gás de cozinha, impensável, fizeram também”, reprovou.

### Demissão

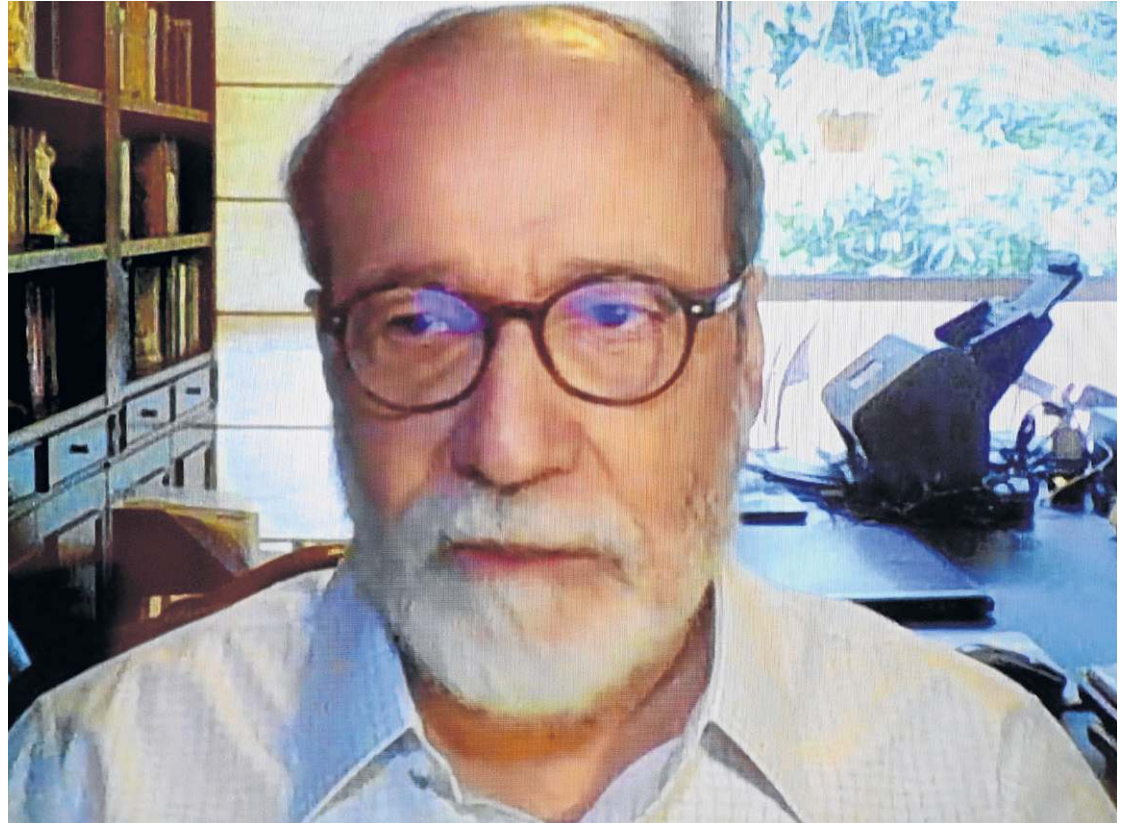
Questionado sobre uma eventual substituição de Silva e Luna, o presidente voltou a dizer que “existe a possibilidade” e que todo mundo no governo pode ser trocado “se não estiver fazendo trabalho a contento”.

Integrantes da base de apoio

do governo também pressionam a Petrobras. O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), endossou, mais uma vez, os protestos de Bolsonaro contra a estatal. “Não tenho a visão interna da empresa, a única crítica que fiz é de que não precisava ter dado o aumento que deu, do tamanho que deu, de uma vez só. O barril sobe, a gente aumenta; e o barril baixa, a gente mantém? É preciso que a Petrobras recue do preço e do aumento que deu, porque o dólar está caindo e o barril está caindo, são os dois componentes que fazem a política de preços da Petrobras”, sustentou.

Em meio às críticas, o vice-presidente Hamilton Mourão (PRTB) voltou a defender a estatal. Ele frisou que o preço do litro da gasolina não deverá voltar a R\$ 4, mas disse ser possível ficar em R\$ 6. “O mercado começa a se reequilibrar. Bateu nos US\$ 139 (o barril de petróleo), já está em US\$ 99, US\$ 98. É óbvia essa flutuação. Acredito que a Petrobras vai encaixar isso aí e haverá uma redução”, destacou. “Uma realidade a gente tem de entender: o preço do combustível, fruto até da questão da transição energética que nós temos de viver, não vai voltar aos patamares que a gente gostaria. Não vamos mais, na minha visão, pagar R\$ 4 por litro de gasolina.”

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Ex-secretário da Receita Federal, Everardo Maciel criticou a falta de planejamento do país

## Impostos não são os vilões

O ex-secretário da Receita Federal Everardo Maciel refutou que os impostos sejam os responsáveis diretos pelos elevados preços da gasolina. Ele destacou que tributos representam apenas uma parte, e não necessariamente a maior. “Na verdade, o preço da gasolina está subindo pela instabilidade do valor do petróleo no mercado internacional e da política que adotamos de definição dos preços no mercado interno em função dos praticados no mercado internacional”, afirmou, em entrevista ao programa *CB.Poder*, parceria entre o *Correio* e a TV Brasília.

Maciel lembrou que o Brasil exporta petróleo. “Se é exportador, por que temos problemas? Porque a nossa capacidade de refino é inferior à demanda nacional, um ponto antigo e não resolvido”, disse. Ele criticou a falta de planejamento do Brasil. “O país não tem um plano, enfrenta dificuldades, numa absoluta improvisação.”

O especialista é contrário à Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 110, da reforma tributária. O texto estava previsto para ser votado ontem, na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado, mas acabou adiado

para a próxima semana, diante da resistência de parlamentares à matéria. “Acho uma proposta mal elaborada, mal discutida. Uma proposta que produz um enorme deslocamento de carga tributária de uns setores para outros sem nenhum propósito”, frisou. Na avaliação de Maciel, a unificação de impostos como PIS e Cofins não faz sentido, pois os dois tributos têm a mesma finalidade. “São iguais. Então, na verdade, o objetivo não é fazer uma fusão, é aumentar a carga tributária sobre pequenos e médios contribuintes e determinados setores”, ressaltou.

### NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo  
luizazedo.df@dabr.com.br

## Conspiração e desespero na terceira via

Uma operação de cerco e aniquilamento da pré-candidatura do governador de São Paulo, João Doria, como havíamos antecipado, está em pleno curso. Praticamente todas as lideranças da chamada terceira via se articulam para substituí-lo pelo governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, como o candidato unificado da terceira via. As conversas de bastidores no Congresso incluem, também, os deputados da bancada paulista aliados do vice Rodrigo Garcia.

Derrotado por Doria nas prévias do PSDB, Eduardo Leite acredita que o cavalo está passando arreado para sua candidatura à Presidência, desta vez, para valer. Na primeira oportunidade, quem montou foi o governador paulista, que não está conseguindo bom desempenho na corrida presidencial. Doria empacou nas pesquisas. No levantamento do instituto Quaes/Genial, divulgado, ontem, pela CNN, Doria aparece empatado com o deputado André Janones (Avante), ambos em quinto lugar, com 2% de intenções de votos.

A pesquisa traduziu as dificuldades

enfrentadas pelos partidos de centro para construir uma candidatura de terceira via, em razão da polarização entre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que aparece com 44% das intenções de voto, e o presidente Jair Bolsonaro (PL), com 26%. Empatados em terceiro lugar, com 7%, estão os pré-candidatos Sérgio Moro (Podemos) e Ciro Gomes (PDT). Outra postulante do apoio da terceira via, a senadora Simone Tebet (MDB) aparece com 1%.

Eduardo Leite está de malas prontas para o PSD, de Gilberto Kassab, com quem discutiu, inclusive, o apoio financeiro da legenda à candidatura presidencial. O ex-prefeito de São Paulo garantiu ao governador gaúcho que as resistências existentes na sigla estão sendo superadas. Para o PSD, uma candidatura própria é vital para o partido, que hoje tem 11 senadores e pode chegar a 50 deputados. Se for bem-sucedida, a legenda estará entre as cinco maiores do país, ao lado de PT, União Brasil, PP e PL. A candidatura própria, ainda mais com um político jovem, de perfil liberal e ideias

novas, daria mais identidade ao PSD. Sem uma candidatura com esse perfil, a divisão da sigla será inevitável, com uma ala derivando para o apoio à reeleição de Bolsonaro e outra, capitaneada pelo próprio Kassab, apoiando Lula.

A conversa de Leite com Kassab provocou um corre-corre na terceira via, com o deputado Aécio Neves (PSDB-MG), desafeto figadal de Doria, mobilizando aliados para segurar o governador gaúcho no PSDB, no pressuposto de que, na sua legenda de origem, teria mais possibilidades de receber apoio de União Brasil, MDB e Cidadania. Dirigentes das três legendas fizeram coro com Aécio, porque todos têm conhecimento de que as bancadas federais dessas siglas em São Paulo começam a entrar em desespero com o fraco desempenho de Doria nas pesquisas. Prometem remover Doria, caso Leite permaneça no PSDB.

### Maratona

O cenário eleitoral estimula a conspiração, porque a polarização entre Lula e

Bolsonaro em São Paulo está cristalizada e começa a se refletir na disputa pelo Palácio dos Bandeirantes, com o alinhamento de seus eleitores com os candidatos que apoiam o ex-prefeito Fernando Haddad (PT) e o ministro da Infraestrutura, Tarcísio de Freitas. O vice-governador Rodrigo Garcia (PSDB), candidato de Doria, que também não decola, corre risco de virar marisco.

No último levantamento do Ipespe, nos dois cenários principais, a posição de Garcia não era boa. Na disputa com Haddad (PT), 28%; Márcio França (PSB), 18%; Guilherme Boulos (PSol), 11%; e Tarcísio de Freitas (sem partido), 10%, o vice-governador tem apenas 5%. Brancos e nulos somam 24%, e não sabe/não respondeu, 4%. No cenário mais provável — Haddad, apoiado por Lula e Alckmin, com 38%; Tarcísio de Freitas, apoiado por Bolsonaro, com 25% —, Garcia, com apoio de Doria, teria apenas 10%. Brancos e nulos somariam 23%; não sabe/não respondeu, 4%.

Apesar das adversidades eleitorais e da conspiração dos aliados, Doria

não dá, até agora, nenhum sinal de que pretende desistir. Pelo contrário, aposta na saída de Eduardo Leite do PSDB, que não aceita o resultado das prévias, e considera as articulações de Aécio Neves um gesto de desespero. Também não acredita que a bancada paulista desista, após sua desincompatibilização, quando Rodrigo Garcia assumir o Palácio dos Bandeirantes, pois o acordo entre ambos já foi selado, na medida em que Doria não pretende, de forma alguma, concorrer à reeleição.

A agenda do governador paulista está focada na maratona de inaugurações que programou para seus últimos dias no cargo. Somente depois começará a pré-campanha para a Presidência, articulando seus palanques regionais. Doria tem muitos problemas a resolver fora de São Paulo para consolidar a federação com o Cidadania e articular seus palanques majoritários. Em muitos estados, o PSDB está mais para Bolsonaro do que para Eduardo Leite.